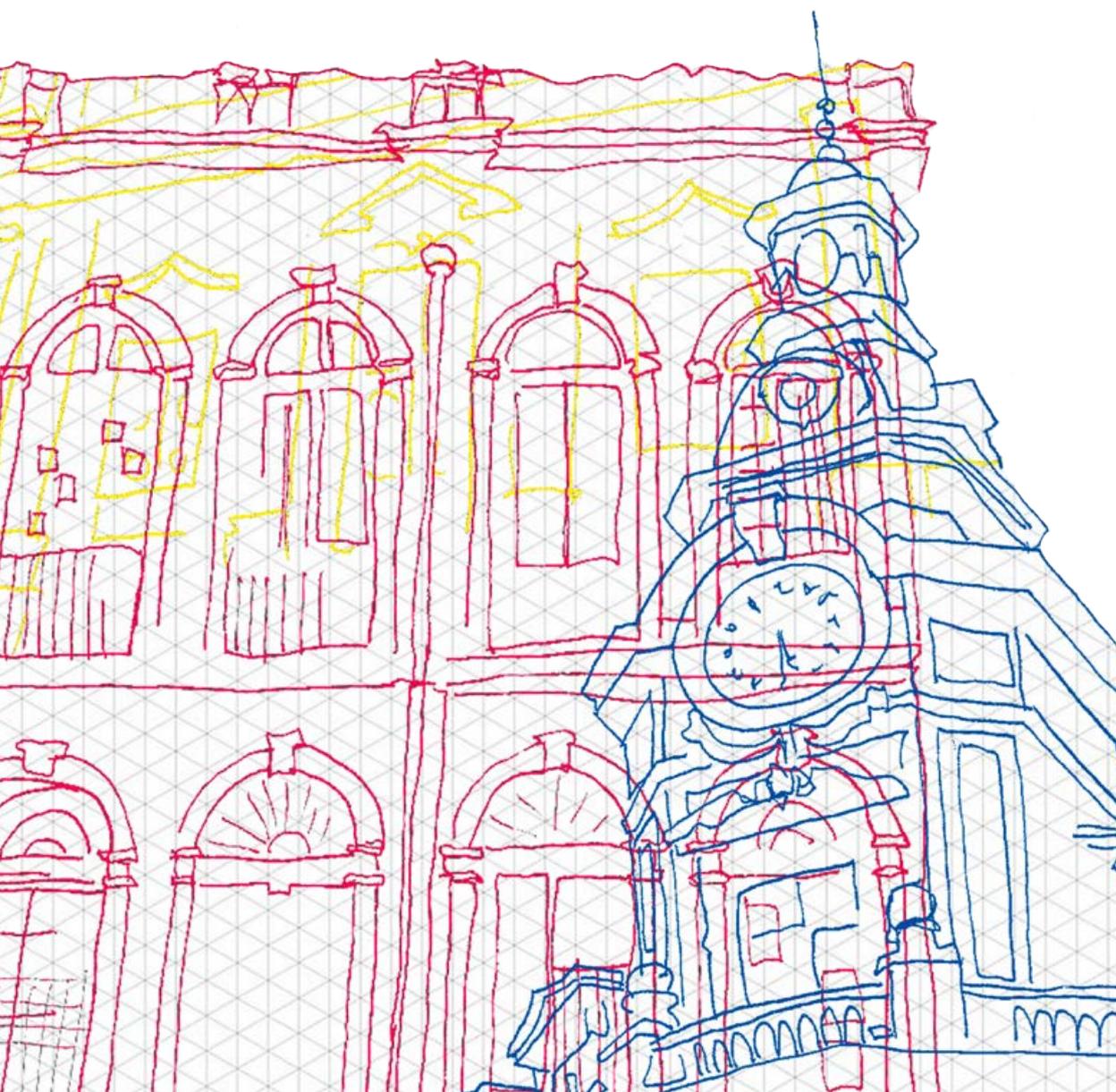


capa

# Turismo, patrimônio e espaço geográfico

teoria e prática de uma ação interdisciplinar

Maria Goretti  
da Costa Tavares



**Maria Goretti  
da Costa Tavares**

*é doutora em geografia pela UFRJ. Professora Associada da Faculdade de Geografia e Cartografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPa. Coordenadora do Grupo de Geografia do Turismo - Turismo e Desenvolvimento Sócio-espacial na Amazônia.*

[mariagg29@gmail.com](mailto:mariagg29@gmail.com)

No período de 31 de maio a 2 de junho de 2016, foi realizado, na Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ), o Seminário internacional “Turismo, natureza e cultura: diálogos interdisciplinares e políticas públicas”.<sup>1</sup> Esse evento foi o resultado de uma parceria estabelecida entre o Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS), o Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento (PPED), o Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção (PEP), os três da UFRJ, a Universidade de Paris 1 e a Fundação Casa de Rui Barbosa. Com participação de pesquisadores nacionais e internacionais, o seminário teve como objetivo o debate, o compartilhamento de experiências e a promoção de um diálogo entre a academia e outros setores sociais que atuam nessa temática. Para isso, a organização do evento sugeriu aos participantes das mesas-redondas que orientassem suas falas por três questões básicas:

- Quais os obstáculos para o diálogo sistemático entre a academia e a gestão pública na interface entre turismo, natureza e cultura?
- Quais os caminhos para a construção conjunta de conhecimento nessa temática?
- Quais experiências em curso, em termos de parcerias e ações inovadoras, podem servir de inspiração para projetos comuns no futuro?

Na mesa-redonda em que participei, intitulada “Pesquisa interdisciplinar e políticas públicas no Brasil: caminhos criativos, parcerias e ações inovadoras em curso”, procurei responder às questões mencionadas a partir de minha experiência na condução do projeto de extensão “Roteiros geoturísticos: conhecendo o patrimônio cultural do centro histórico de Belém”<sup>2</sup>, financiado pela Universidade Federal do Pará. Neste texto para a revista e-metropolis, optei por iniciar com a apresentação de meu projeto de extensão universitária, de modo que, já em resposta à terceira questão proposta pela organização do seminário e a partir dela, possam ser respondidas as duas primeiras questões orientadoras.

1 Este texto retoma, em linhas gerais, a minha participação na mesa-redonda “Pesquisa interdisciplinar e políticas públicas no Brasil: caminhos criativos, parcerias e ações inovadoras em curso”, que integrou o Seminário internacional “Turismo, natureza e cultura: diálogos interdisciplinares e políticas públicas”, realizado pela Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ), no período de 31 de maio a 2 de junho de 2016 e a minha palestra “O projeto roteiros geoturísticos e a educação patrimonial na cidade de Belém”, realizada na Universidade de Brasília em junho de 2016.

2 É possível acompanhar a experiência dos roteiros geoturísticos acessando o canal do projeto no Youtube: <https://www.youtube.com/channel/UCxFKirHGDDA0sXGUJqfVCoQ>.

## OS ROTEIROS GEOTURÍSTICOS NO CENTRO HISTÓRICO DE BELÉM

Como proposta de extensão universitária, os roteiros geoturísticos têm origem nos trabalhos do GGEO-TUR (Grupo de Geografia do Turismo - Turismo e Desenvolvimento Socioespacial na Amazônia, cadastrado no CNPq desde 2002), abrigado na Faculdade de Geografia e Cartografia da Universidade Federal do Pará. Um dos problemas identificados pelo grupo foi justamente a inexistência de ações voltadas para o turismo em Belém que valorizassem seu potencial histórico, cultural, patrimonial e, por conseguinte, sua memória socioespacial. Daí a importância do projeto, qual seja a de possibilitar a formação de novos agentes sociais que possam conceber e implementar modelos alternativos de turismo, em especial o que tomamos como referência que é o turismo de base comunitária.

Nesse sentido, por meio do projeto de extensão, há uma dupla expectativa de transformação social. A primeira diz respeito à própria formação dos alunos envolvidos no projeto, já que esse viabiliza o ensino de conceitos e categorias do universo geográfico in loco, ampliando, dessa maneira, as reais condições de um profissional desenvolver trabalhos na área do ensino, da pesquisa e da própria extensão. Em segundo lugar, o que se torna mais importante nesse trabalho, o projeto de extensão tem a intenção clara de romper com os atuais paradigmas do mercado do turismo, que é aquele ligado à reprodução de uma massa consumidora que coloca em prática o consumo pelo consumo do espaço, ou, como diria Rodrigues (1999), um consumo consumptivo, que é aquele que esgota em si mesmo. O projeto, então, pressupõe a importância de que “pessoas comuns”, ligadas a real reprodução do espaço urbano nos bairros selecionados, possam construir “bases alternativas”, justificando uma autonomia coletiva. Com o passar do tempo, esperamos que essas pessoas possam concentrar esforços para produzir roteiros com base na história da formação de seus bairros, contada a partir de suas próprias vivências e necessidades.

Iniciada em janeiro de 2011, a proposta dos roteiros geoturísticos no centro histórico de Belém partiu da perspectiva de tecer relações entre as análises geográficas sobre o espaço e as práticas turísticas. Desse modo, procuramos evidenciar o mosaico de agentes e de modos de vida que produzem o centro histórico da cidade, promovendo uma perspectiva pedagógica do turismo e um real encontro do turista com a vida do lugar que é visitado.

Como em um roteiro turístico convencional, percorremos uma parte do centro histórico da cidade



**Figura 1:**  
Vista aérea do  
centro histórico  
de Belém.

de de Belém através de pontos preestabelecidos, com os participantes do projeto atuando como monitores, dialogando com o público, no intuito de chamar atenção para as múltiplas faces do bairro – desde os pontos turísticos até as áreas mais degradadas. Acreditamos ser essa principal atividade o diferencial dos roteiros geoturísticos em relação ao roteiro turístico convencional, tendo em vista que é apresentada aos participantes a complexidade do espaço, podendo ser essa uma maneira de despertar nos cidadãos e no poder público a importância e a necessidade de ocorrerem modificações em algumas áreas.

Em termos teórico-metodológicos de elaboração de execução dos roteiros geoturísticos, a equipe do projeto é pautada por princípios participativos e dialogais, tendo como referencial o turismo inclusivo e sustentável, com características de turismo alternativo, conforme propõe Paes (2009), com ações distribuídas no levantamento e sistematização de dados, preparação e implementação das oficinas, palestras e os roteiros propriamente ditos. Especificamente, o seguinte percurso metodológico, composto por dez fases básicas, é utilizado para cada roteiro implantado:

1. Definição do tema e itinerário e pontos de paradas do roteiro;
2. Levantamento bibliográfico, iconográfico e documental sobre a temática do roteiro e

pontos selecionados;

3. Trabalho de campo para reconhecimento do trajeto do roteiro e contato com as associações presentes na área-objeto do roteiro;
4. Elaboração de texto-guia do roteiro, com base na sistematização de todos os dados levantados pela equipe;
5. Levantamento fotográfico da área-objeto do roteiro.
6. Reuniões semanais de avaliação para aperfeiçoamento da forma e conteúdo do roteiro.
7. Articulação com órgãos governamentais para apoio e de divulgação do roteiro (a saber, Secretaria de Estado do Turismo do Pará – Setur, Coordenadoria Municipal de Turismo de Belém – Belemtur, Associação Cidade Velha-Cidade Viva – Civiva, Secretaria de Estado de Cultura do Pará – Secult e Iphan);
8. Envolvimento das associações de moradores ou trabalhadores da área-objeto do roteiro;
9. Roteiros-teste com os monitores do projeto;
10. Divulgação nas redes sociais e implementação do roteiro.

Dessa forma, desde o início do projeto, em 2011, implantamos nove roteiros geoturísticos do centro histórico de Belém (Figura 2):

1. “Pelo bairro da Cidade Velha” (janeiro de 2011);

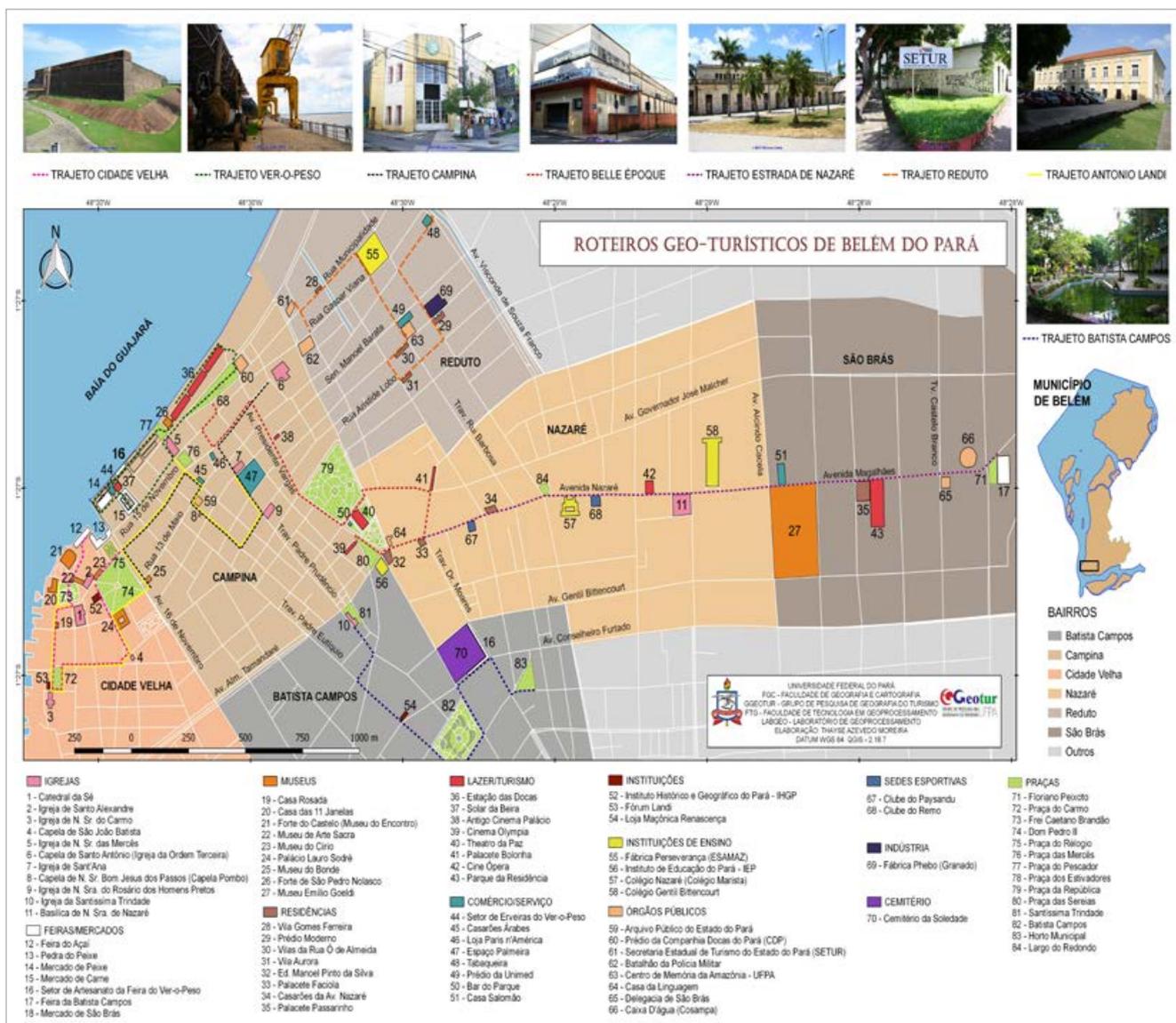


Figura 2: Pontos de partida e percurso dos oito roteiros iniciais

2. “Do Complexo do Ver-o-Peso ao Porto: percorrendo e revelando paisagens no centro histórico de Belém” (outubro de 2011);
3. “Percorrendo e revelando paisagens da belle époque” (abril de 2012);
4. “Percorrendo e revelando paisagens pelo interior do bairro da Campina” (novembro de 2012);
5. “Percorrendo e revelando paisagens pelo interior do Reduto: o bairro industrial da Belém da borracha” (setembro de 2013);
6. “Pela estrada de Nazaré” (setembro de 2014);
7. “O arquiteto Antônio Landi e a Belém do século XVIII” (setembro de 2015);
8. “O Bairro de Batista Campos e suas transformações socioespaciais” (setembro de 2016);
9. “O bairro do Umarizal e suas transformações socioespaciais”.(dezembro de 2018).

## ROTEIRO 1: PELO BAIRRO DA CIDADE VELHA

O primeiro roteiro geoturístico, intitulado Pelo bairro da Cidade Velha, foi criado no bairro da Cidade Velha por ser esse o mais antigo da cidade de Belém e por ter sido uma das portas de ocupação da região Amazônica pelos europeus, processo que data do século XVII. O roteiro se estende pelas primeiras ruas da cidade, tais como a Ladeira do Castelo, Siqueira Mendes, Joaquim Távora e Tomázia Perdigão.

O bairro da Cidade Velha possui rugosidades espaciais (Santos, 2008) que podem ser compreendidas como formas espaciais que foram resultantes de um determinado processo de ocupação. No caso da Amazônia, esse período se referiu principalmente ao momento da instalação dos fortes militares pelos colonizadores portugueses, pelas missões religiosas,

pelos movimentos de revolta, como a Cabanagem, e pela economia da borraça.

A cidade de Belém do Pará completou, em 12 de janeiro de 2016, quatrocentos anos de fundação. Até os dias recentes, a formação de seu patrimônio se revelou como síntese da história e geografia do lugar, mostrando diversas formas de apropriação do espaço. Com vistas a explorar as informações históricas por meio dos acontecimentos e edificações ao longo do tempo, houve uma oportunidade para que o Grupo de Estudos em Geografia do Turismo<sup>3</sup> (GGEOTUR) lançasse em 12 de janeiro de 2011 o projeto “Roteiros Geo-turísticos: conhecendo o patrimônio cultural em Belém do Pará”. A intenção era dotar a sociedade belenense e demais interessados do conhecimento patrimonial dessa cidade, pouco revelado em ações públicas dos governos do estado e do município de Belém.

## ROTEIRO 2: DO COMPLEXO DO VER-O-PESO AO PORTO

O segundo roteiro foi implantado em outubro de 2011 com o objetivo de tratar do patrimônio material e imaterial do complexo do Ver-o-Peso (incluído Feira, Mercado de Peixe, Mercado de Carne, Praça do Relógio e casario do entorno) e o Porto de Belém (na parte que foi requalificada, onde fica a Estação das Docas). Este roteiro foi construído e implantado em parceria com ações do Iphan-Pará para o Ver-o-Peso.

O Complexo do Ver-o-Peso é constituído de um importante patrimônio edificado, datado dos séculos XVII, XVIII e XIX, sintetizando a conformação arquitetônica da cidade em vários estágios e estilos: edificação militar, barroco, jesuítico, arquitetura civil colonial e pós-colonial, estilo neoclássico, estilo eclético e arquitetura industrial.

<sup>3</sup> Grupo vinculado à Faculdade de Geografia e Cartografia da Universidade Federal do Pará.

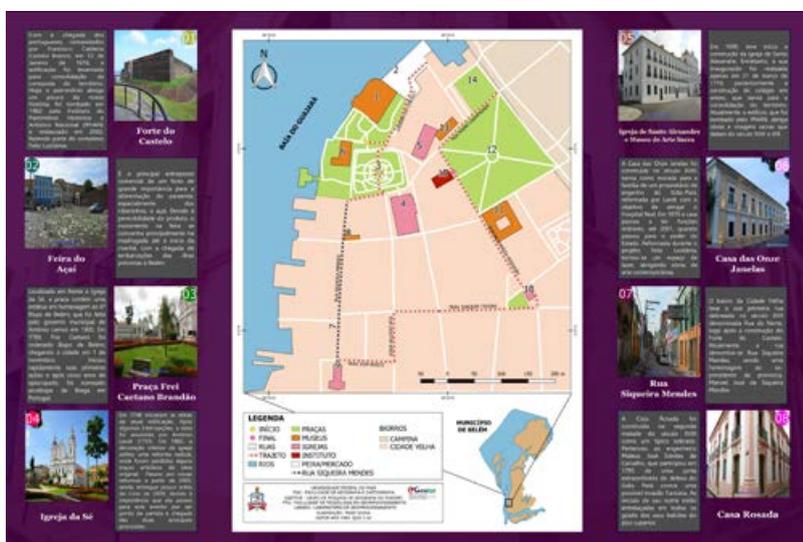


Figura 3: Material de divulgação do roteiro realizado em comemoração aos quatrocentos anos de fundação da cidade de Belém (janeiro de 2016)



Figura 4: Percurso do roteiro da Cidade Velha

Atualmente, a feira livre do Ver-o-Peso está dividida espacialmente nos seguintes setores: 1) Feira do Açaí, 2) Doca do Ver-o-Peso, 3) Mercado de Peixe,



Figuras 5 e 6: Folder do roteiro da Cidade Velha (frente e verso)

4) Mercado de Carne (Mercado Municipal Francisco Bolonha), 5) hortifruticultura, 6) ervas, 7) camarão seco, 8) produtos de armazém, 9) produtos típicos (maniva, macaxeira, jambu, tucupí, pimentas), 10) produtos industrializados, 11) artesanato, 12) polpas de fruta, 13) restaurantes e 14) lojas da Av. Castilhos França.

### ROTEIRO 3: PERCORRENDO E REVELANDO PAISAGENS DA BELLE ÉPOQUE

O terceiro roteiro implantando em abril de 2012, nos cem anos do Cinema Olympia (cinema mais antigo do Brasil em funcionamento) tem por objetivo percorrer formas espaciais herdadas e desaparecidas do período da belle époque, referente ao final do século XIX e início do século XX, em que a cidade sofreu uma reforma urbana, com a expansão

do espaço urbano e a implantação de bondes, alargamentos de ruas, arborização da cidade com mangueiras, implantação de praças. O modelo era Paris: Belém como a “Petit Paris” dos trópicos. Por outro lado, esse período representou também uma maior segregação socioespacial na cidade, com a expulsão da população de mais baixa renda para as áreas alagadas e igarapés que cortavam toda a cidade.

### ROTEIRO 4: PERCORRENDO E REVELANDO PAISAGENS PELO INTERIOR DO BAIRRO DA CAMPINA

O quarto roteiro implantado foi o do bairro da Campina (mais conhecido como bairro do Comércio) e tem por objetivo percorrer formas espaciais herdadas e desaparecidas do período referente aos séculos XVII e XVIII, quando surge a ocupação do bairro, área comercial e de serviços antiga de Belém.

Esse bairro também vai sofrer uma grande reforma urbana, com a expansão do espaço urbano no período da belle époque.

Figura 7: O Complexo do Ver-o-Peso



Fotografia: Goretti Tavares (fevereiro, 2011)

Figura 8: Material de divulgação do roteiro realizado em comemoração aos 389 anos do Mercado do Ver-o-Peso (2015)



Figura 9: Participantes do roteiro no Mercado do Ver-o-Peso (2016)



Fotografia: Marivaldo Pascoal

## ROTEIRO 5: PERCORRENDO E REVELANDO PAISAGENS PELO INTERIOR DO REDUTO

O roteiro no bairro do Reduto foi o quinto roteiro. Foi implantado em agosto de 2013 e tem por objetivo percorrer formas espaciais herdadas e desaparecidas do período referente aos séculos XIX e XX, quando surge a ocupação do bairro do Reduto, bairro industrial do período da belle époque. Esse bairro também vai sofrer uma grande reforma urbana, com a expansão do espaço urbano no fim do século XIX e início do século XX. Atualmente, possui novas formas e usos para as antigas indústrias ali presentes. Neste roteiro identificamos as formas desaparecidas (antigas fábricas, vilas dos operários das antigas fábricas), herdadas (antigas fábricas com novos usos) e as formas e novos usos recentes (bares, shopping center, verticalização das edificações).

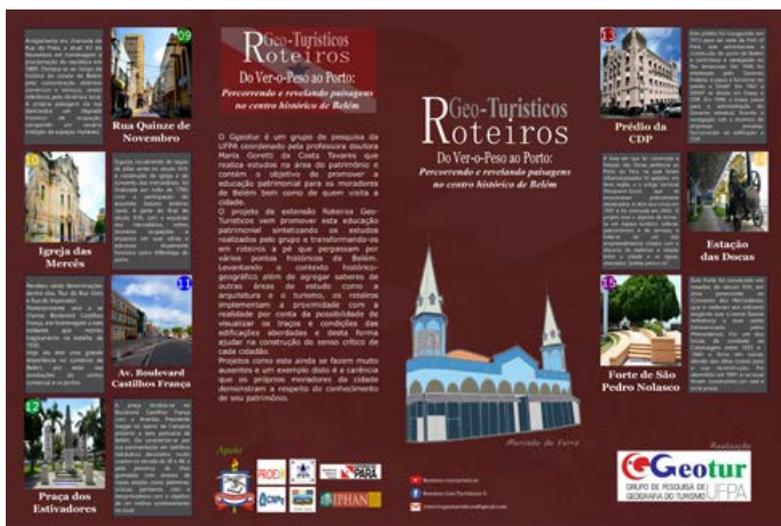


Figura 10: Percurso do roteiro do Ver-o-Peso

## ROTEIRO 6: PELA ESTRADA DE NAZARÉ

O roteiro no bairro de Nazaré foi o sexto roteiro implantado (em setembro de 2014) e tem por objetivo percorrer formas espaciais herdadas e desaparecidas do período referente aos séculos XVIII a XX, quando surge a ocupação do bairro de Nazaré, através da construção de uma estrada ligando o centro da cidade à ermida de Nossa Senhora de Nazaré que vai dar o nome ao bairro. De modo semelhante, esse bairro também vai sofrer uma grande reforma urbana, com a implantação de infraestrutura de bondes, alargamentos de ruas, arborização da cidade com mangueiras, implantação de praças e área residencial dos barrões da borracha, sendo uma das áreas mais altas do sítio urbano da cidade de Belém.

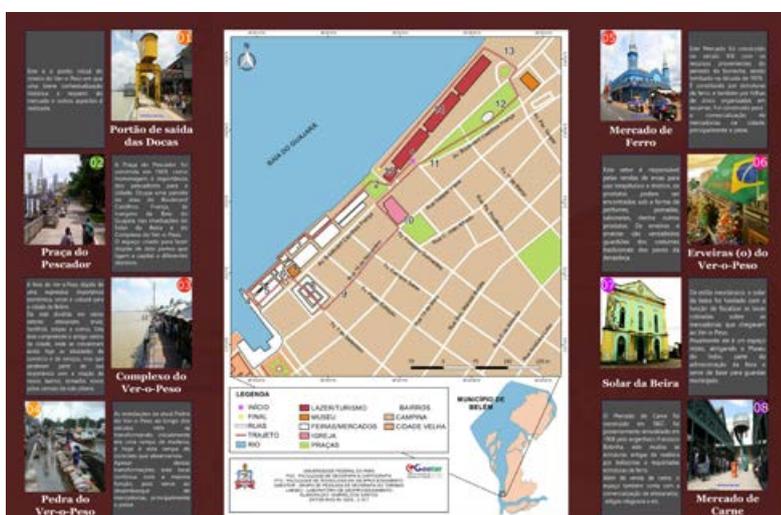
O trajeto do roteiro visa abordar os objetos espaciais que contribuem para a construção da memória socioespacial de Belém, objetos esses que se destacam principalmente pela permanência de sua forma ao longo das décadas, alterando ou não sua função, sendo caracterizado por Santos (2008) como rugosidades espaciais. Temos como exemplo o Museu Paraense Emílio Goeldi, que servia como rocinha, uma típica moradia bastante comum no século XVIII na-



## ROTEIRO 7: O ARQUITETO ANTÔNIO LANDI E A BELÉM DO SÉCULO XVIII

O roteiro ligado ao arquiteto Antônio Landi foi o sétimo roteiro, sendo implantado em setembro de 2015, e procura percorrer formas espaciais herdadas e desaparecidas do período referente ao século XVIII, quando o arquiteto Antônio Landi chega em Belém e executa várias edificações ligadas à Igreja, ao Estado e a particulares, abrangendo os bairros da Cidade Velha e Campina, onde estes prédios estão ainda localizados.

O arquiteto Antônio Landi chega em Belém na segunda metade do século XVIII, com a expedição demarcadora enviada à Amazônia pelo Marquês de Pombal, com vista à redefinição do arco da nova fronteira da região. O arquiteto era o desenhista da expedição, mas foi contratado pelo governo local para construir edificações ligadas ao Estado, como o Palácio dos Governadores, atual Museu do Estado do



Figuras 11 e 12: Folder Roteiro Ver-o-Peso (Frente e verso)

quela localidade.

O roteiro se inicia no Mercado de São Brás, situado entre a Avenida Almirante Barroso e a Rua Farias de Brito, e termina no Palacete Facciola, localizado na Rua Dr. Moraes com a Avenida Nazaré. A escolha desse primeiro ponto é de extrema relevância, pois são trazidas informações sobre a antiga Estrada de Ferro Belém-Bragança, a Praça Floriano Peixoto e o processo de verticalização ocorrido na avenida. Dando continuação, a próxima parada é o Hospital Ophir Loyola em seguida o Parque da Residência, o Palacete Passarinho, o Museu Paraense Emílio Goeldi, a Casa Salomão, o Colégio Gentil Bittencourt, a Igreja Nossa Senhora de Nazaré e a Praça do Conjunto Arquitetônico de Nazaré. Em seguida, vamos à sede social do Clube do Remo, o Colégio Marista, o Largo do Redondo, a sede social do Clube do Paysandu e por fim o Palacete Facciola, onde o roteiro é encerrado.

Pará. O arquiteto também se destacou por construir ou terminar fachadas de igrejas nos bairros da Cidade Velha e Campina, como a fachada da Catedral da Sé, a fachada da Igreja do Carmo, a Igreja de São João e, sua maior obra, a Igreja de Santana. Edificações também ligadas a particulares também são atribuídas ao arquiteto, como a Casa Rosada na primeira rua de Belém, a Rua Siqueira Mendes.

## ROTEIRO 8: O BAIRRO DE BATISTA CAMPOS E SUAS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS

O roteiro de Batista Campos tem por objetivo percorrer formas espaciais herdadas e desaparecidas do período referente aos séculos XVIII a XX, quando surge a ocupação desse bairro. O local também vai

Figura 13: Material de divulgação do roteiro realizado em comemoração aos 104 anos do Cinema Olympia (2016)



Fotografia: Marivaldo Pascoal

Figura 14: Participantes do roteiro em frente ao Teatro da Paz (2013)

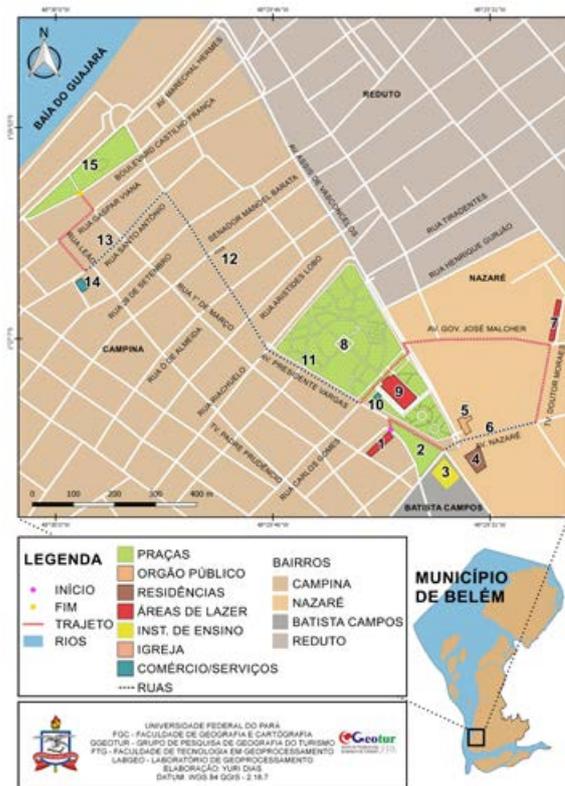


Figura 15: Percurso do roteiro da belle époque

Figura 16: Material de divulgação do roteiro da Campina (setembro, 2017)



Fotografia: Marcos André

Figura 17: Participantes do roteiro em frente à sede do Arquivo Público (novembro, 2012)

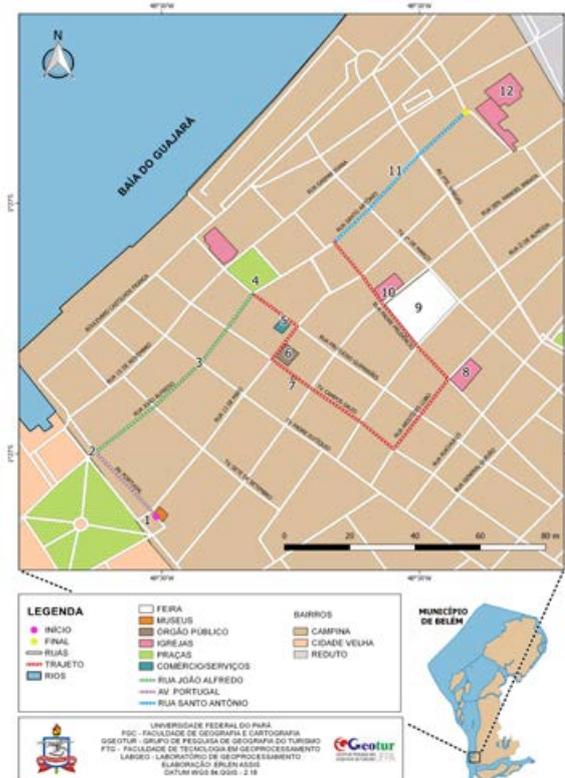


Figura 18: Percurso do roteiro da Campina

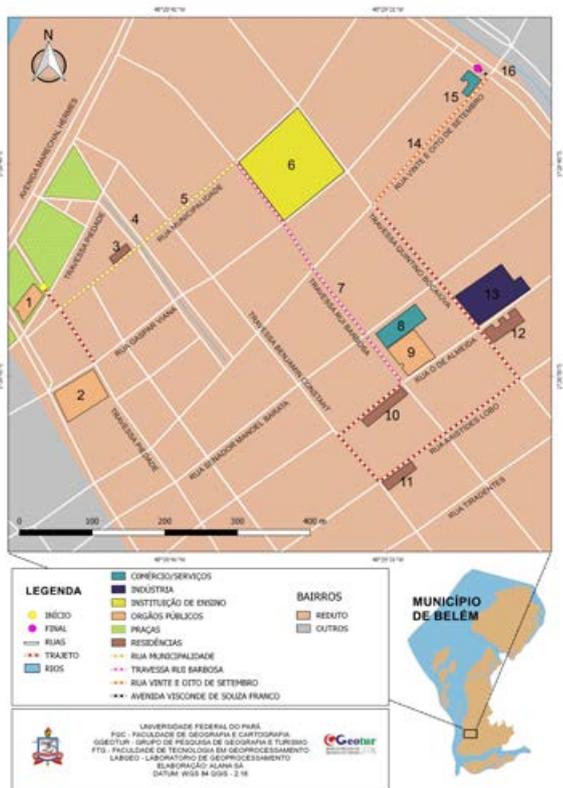


Figura 21: Percurso do roteiro pelo bairro do Reduto



Figura 19: Material de divulgação do roteiro do Reduto (maio 2017)

Fotografia: Marco André



Figura 20: Grupo no roteiro do Reduto (maio 2016)

Figura 22: Material de divulgação do roteiro de Nazaré (junho 2017)



Fotografia: Marco André



Figura 23: Grupo durante o roteiro, em frente à Basílica de Nazaré

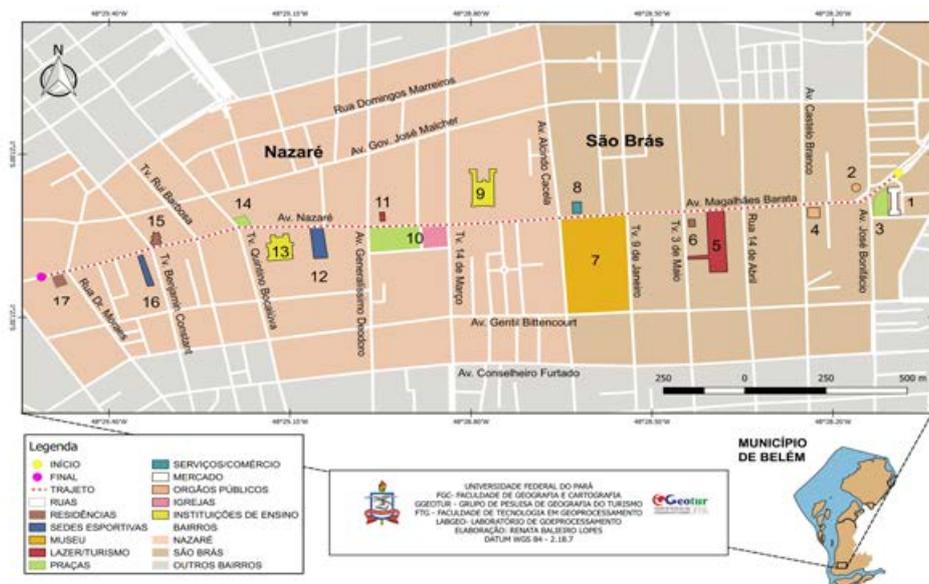


Figura 24: Percurso do roteiro de Nazaré

Figura 25: Material de divulgação do roteiro sobre o arquiteto Antônio Landi (julho 2016)



Fotografia: Marivaldo Pascoal

Figura 26: Grupo durante o roteiro, em frente à Igreja do Carmo (outubro, 2016)



Figura 27: Percurso do roteiro sobre Antônio Landi

sofrer uma grande reforma urbana, com a expansão do espaço urbano no período da belle époque com a implantação de infraestrutura de bondes, alargamentos de ruas, arborização da cidade com mangueiras, implantação de praças e área residencial dos barões da borracha. O roteiro tem seu início na Praça Milton Trindade, situada na Rua dos Mundurucus, e termina em frente à Igreja da Trindade. Dando continuação, a próxima parada é o Horto Municipal, percorrendo em seguida a Feira da Batista Campos, o Cemitério da Soledade, a Praça Batista Campos. Em seguida, o grupo segue para a Rua Padre Eutíquio, as Lojas Maçônicas Aurora e Renascença, Praça Ferro de Engomar, a Praça Barão do Rio Branco, a Praça Ruy Barbosa e se encerra na Igreja da Trindade.

## ROTEIRO 9: O BAIRRO DO UMARIZAL E SUAS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS

O roteiro no bairro do Umarizal tem por objetivo percorrer formas espaciais herdadas e desaparecidas do período referente aos séculos XVIII a XX, quando surge a ocupação do bairro do Umarizal, principalmente através da abertura da Avenida Generalíssimo

Deodoro, onde se localizam importantes edificações ligadas à saúde (Santa Casa de Misericórdia e Hospital Beneficente Portuguesa) e ao ensino (Faculdade de Medicina e de Ciências Sociais) e residências dos barões da borracha. O Umarizal, localizado na zona do centro-sul região central de Belém, começou a ser ocupado no século XIX, de início, na área próxima ao igarapé das Almas (atual Doca de Souza Franco). Inicialmente, o bairro era conhecido como um lugar de intelectuais e boêmios, de grandes vacarias (áreas de produção de leite para a comercialização), de negros e pobres e de manifestações culturais ligadas à cultura negra, como a capoeira, e às igrejas, como os mastros, que eram procissões que antecediam as missas em comemorações aos santos da igreja católica, sendo os do Umarizal os mais conhecidos naquele período, como explana Ribeiro (1995). Com o decorrer dos anos, o bairro foi perdendo suas características iniciais devido à expansão do processo de verticalização (vindo da região do entorno, como os bairros de Nazaré e de Batista Campos), quando foi permitido o avanço das obras de engenharia, com a construção de prédio em terrenos de baixada. Com isso, houve uma valorização do solo devido à especulação imobiliária e ao avanço da urbanização na cidade, alterando, portanto, a cartografia do Umarizal.

A trajetória do roteiro foi decidida em conjunto

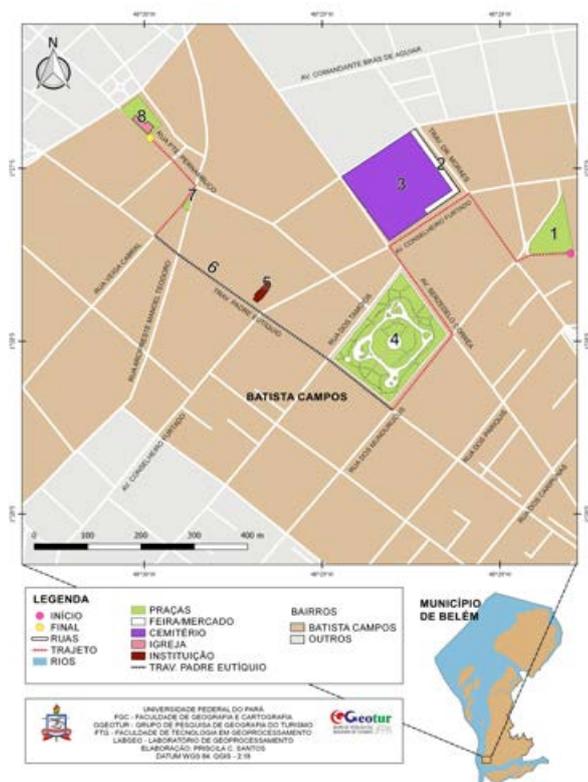


Figura 30: Percurso do roteiro pelo Bairro de Batista Campos

com os demais integrantes do grupo de pesquisa, elegendo os objetos mais importantes a serem destacados no bairro, entre eles a revolução ocorrida em 14 de abril de 1823 (revolução que reivindicava a adesão do Pará a independência do Brasil), o processo de expansão da cidade e a produção do espaço urbano, dando destaque à memória socioespacial, às manifestações culturais e ao processo de verticalização, que configuraram hoje o bairro como um local de classe média. O roteiro possui doze pontos de parada, iniciando na Praça Brasil (Santos Dumont), Hospital do Exército, Escola de teatro e dança da UFPA, esquina da D. Romualdo Seixas com a Bernal do Couto (onde se explana sobre a topografia do alto e baixo do Umarizal), Faculdade de Medicina da UFPA, Feira e Mercado de Santa Luzia, Santa Casa de Misericórdia, esquina da Generalíssimo Deodoro com a Oliveira Belo, esquina da Generalíssimo com a Diogo Mória (onde se expõe o processo de verticalização), corredor de mangueiras, Prédio da APAE, Hospital Beneficente Portuguesa e o Museu da UFPA, como último ponto.

## OBSTÁCULOS E CAMINHOS

Voltarei às duas questões orientadoras do seminário,



Figura 28: Material de divulgação do roteiro do bairro de Batista Campos

Fotografia: Marco André

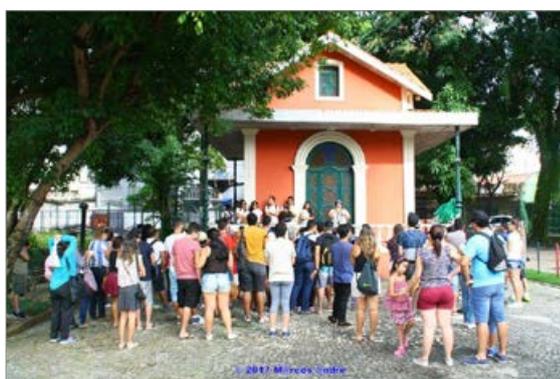


Figura 29: Grupo durante o roteiro pelo Bairro de Batista Campos, no Horto Municipal

partindo da experiência dos roteiros geoturísticos no centro histórico de Belém, para finalizar este texto e sugerir algumas reflexões sobre a interseção turismo-patrimônio-cultura-natureza.

Quais os obstáculos para o diálogo sistemático entre a academia e a gestão pública na interface entre turismo, natureza e cultura? Falando de meu lugar na academia, penso que há duas considerações a serem feitas diante dessa questão. A primeira delas diz respeito à necessidade de uma reflexão acerca do significado que conferimos à gestão pública e ainda sobre quais os princípios que deveriam orientar a gestão pública. O segundo ponto a considerar, tendo em vista os mais diversos atores no campo do turismo, natureza e cultura, seria pensar sobre o distanciamento existente entre a academia, o estado, o capital e a sociedade local, bem como pensar sobre as diferenças de compreensão da interface turismo-natureza-cultura e as diferenças de conceitos e dos princípios para o tratamento dessa interface.

Quais os caminhos para a construção conjunta de conhecimento nessa temática? Ainda em meu lugar acadêmico de fala, creio que uma possibilidade seria a elaboração e implantação de projetos de pesquisa, de extensão e outras ações que permitam promover o diálogo entre a academia e a gestão pública, com a ampliação do debate com os demais segmentos



Figura 31:  
Material de  
divulgação do  
roteiro do Umarizal  
(dezembro, 2017)

Fotografia: Marco André



Figura 32:  
Grupo durante  
o Roteiro no Bairro  
do Umarizal  
(dezembro, 2017)

sociais. Além disso, e muito importante, devemos reconhecer a alteridade e a diversidade da identidade territorial dos espaços e dos lugares. Penso que a

experiência dos roteiros geoturísticos pode contribuir para esse debate.

## REFERÊNCIAS

- LEITÃO, Wilma Marques (Org). **Ver-o-Peso**: estudos antropológicos no Mercado de Belém. Belém: NAEA, 2010.
- LIMA, Maria Dorotéa de. **Ver-o-Peso, patrimônio e práticas culturais**: uma abordagem etnográfica da feira mais famosa de Belém do Pará. Dissertação (mestrado em Antropologia)- IFCH- Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.
- PAES, M. T. D. Patrimônio cultural, turismo e identidades territoriais - um olhar geográfico. In: Bartholo, R.; Sansolo, D. G.; Bursztyn, Ivan. (Org.). **Turismo de Base Comunitária** – diversidade de olhares e experiências brasileiras. 1 ed. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, v. 1, p. 162-174.
- RIBEIRO, José Sampaio de Campos. **Gostosa Belém de outrora** / Campos Ribeiro – Belém: Secult, 2005, 182 p. (série Relendo os municípios, n. 4). Reedição fac-símile.
- RODRIGUES, A. B. (Org.). **Turismo e geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2008. ■